

OECD Economic Outlook: December No. 76 - Volume 2004 Issue 2

Summary in Portuguese

Perspectivas Econômicas da OCDE: Dezembro nº 76 - Volume 2004-2

Sumário em Português

GANHANDO IMPULSO APESAR DAS TURBULÊNCIAS NO MERCADO DO PETRÓLEO

Por Jean-Philippe Cotis, Chefe Economista

Desde a desaceleração de 2001, a economia mundial funcionou com altos e baixos, e tanto os economistas como o grande público estão à espera de uma retomada regular e sustentada, que não seja perturbada por riscos geopolíticos crônicos ou bruscas flutuações no preço do petróleo ou nos mercados financeiros.

Ainda que a situação econômica tenha posto em contraste nos últimos trimestres, com o progresso dos Estados-Unidos, a desaceleração a passos rápidos do Leste Asiático, e o avanço laborioso da Europa Continental, parece que as famílias não têm confiança na expansão da OCDE. Este disseminado sentimento de incerteza revelou-se relativamente contagioso na medida em que, após um ano de crescimento recorde no comércio mundial, a confiança das empresas diminuiu até chegar pouco acima da média histórica nos Estados-Unidos e na Europa, aniquilando a esperança de um PIB que cresceria acima das tendências nos próximos meses.

Em comparação com as estimativas prudentemente otimistas que podiam ser feitas até dois anos atrás, esta transformação radical deu origem a desapontamentos. Isto decorreu em grande parte do aumento do preço do petróleo que enfraqueceu a renda real, e também a confiança nos países da OCDE. No entanto, existem boas razões de se acreditar que, apesar das recentes turbulências relativas ao preço do petróleo, a economia mundial ganhará impulso num futuro próximo. Fundamentada em sólidos balanços e lucros elevados, a recuperação dos investimentos empresariais deve ter continuidade na América do Norte e se iniciar seriamente na Europa, enquanto as despesas do consumidor se beneficiarão do recente recuo do preço do petróleo para níveis menos onerosos, num

contexto em que a criação de empregos está se consolidando progressivamente e as condições monetárias permanecem muito flexíveis. De modo geral, ainda existem bons motivos de se esperar que as economias da OCDE cresçam de novo acima das previsões em 2005 e 2006.

Do ponto de vista geográfico, o significado desta recuperação tirará benefícios do contínuo dinamismo do Continente Asiático, na China, onde a atividade se acentuou no terceiro trimestre, após uma desaceleração desejável na primeira metade do ano, e no Japão, que protagonizou um espetacular retorno à condição anterior, com base na nova orientação das exportações, resultando na recuperação de investimentos, empregos e, finalmente, do consumo, antes de marcar uma pausa nos últimos meses. Esta recuperação também será consolidada graças à evolução positiva na América do Norte. Mas a Europa Continental ainda deverá provar se é capaz de ter um importante papel de suporte através da melhoria notável da demanda nacional final.

Na última edição, estas *Perspectivas* fazem uma aposta razoável mas positiva na Europa. Apresenta à discussão uma significativa retomada da procura interna final na zona euro em 2005-2006, enquanto o comércio mundial e a renda nos países da OCDE não desacelerariam durante este período. Assim, a Europa Continental, e em particular a Alemanha, deveria encontrar um impulso suficientemente autônomo para alcançar uma tendência de crescimento bastante superior. Para a realização deste cenário, é necessário que os preços do petróleo e a taxa cambial tenham uma relativa estabilização, o que possibilitaria a recuperação da zona euro, tradicionalmente pouco resistente, com o rápido crescimento da situação econômica da OCDE.

Assim, a forte valorização do euro, no contexto de um agravamento dos desequilíbrios externos, ou do aumento suplementar do preço do petróleo, pode pesar desproporcionalmente na Europa Continental, onde o crescimento ainda permanece muito tributário das exportações e o preço do petróleo não encontra sua contrapartida no alto crescimento da renda e da demanda energética.

No entanto, a Europa poderia não ser tão desfavorecida, se comparada com o resto dos países da OCDE, ao enfrentar os preços superiores do petróleo. Se houvesse mais um choque petrolífero, os países da OCDE, incluindo-se os membros da zona euro, estariam menos vulneráveis do que no passado. Em primeiro lugar, a dependência para com o petróleo, expressa em percentual do PIB, diminuiu pela metade desde os anos 1970, levando a impostos de renda bem inferiores do que os do passado para as mesmas famílias e empresas. Mais importante ainda, as previsões de inflação também são baixas e bem ancoradas, pelo que o aumento do preço do petróleo só teve impacto na inflação básica, enquanto os salários nominais e a inflação principal apenas mudaram. Seria então muito surpreendente se os países da OCDE sofressem novamente, como ocorreu nos anos 1970, de uma situação apavorante em que os salários e os preços escapam ao controle, e os bancos centrais são obrigados a operar em “modo de sérias restrições”.

No entanto, ao se tratar do impacto da mudança no preço do petróleo, a percepção que têm os agentes econômicos e a sabedoria adquirida pelos economistas não parecem coincidir. Embora as estimativas oriundas de modelos econométricos apontem mais para

o modesto impacto sobre a renda e a inflação, as flutuações do preço do petróleo ocupam um lugar central nos debates públicos e influenciam bastante a confiança econômica.

Neste contexto, era natural consagrar um capítulo especial destas *Perspectivas* à economia relacionada ao petróleo. Para melhor medir a importância do petróleo, é necessário prever além do curto prazo. Num mundo em que as pessoas estão “olhando mais longe”, a incerteza sobre as futuras perspectivas do petróleo podem ter um impacto mais importante na situação econômica atual do que nas mudanças mensais dos preços do mercado.

Aqui, a avaliação da OCDE sugere que os recentes preços do petróleo estavam certamente bem acima dos níveis de equilíbrio a longo prazo, até possibilitando um mercado com poder importante por parte da cartel da OPEP. Ainda existem recursos importantes disponíveis em nível dos estoques, em particular entre os produtores da OCDE, para responderem à crescente demanda em petróleo, e a eficiência dos equipamentos existentes poderia ser melhorada de modo significativo. Além do mais, as fontes de energias alternativas também podem se tornar rentáveis nos preços atuais.

No entanto, isto não significa que os preços do petróleo vão rapidamente decrescer para baixos níveis, o que foi o caso há três ou quatro anos. Em primeiro lugar, a queda pode não ser rápida, num contexto em que as fortes incertezas geopolíticas e a alta volatilidade dos preços moderam o investimento nos novos equipamentos do petróleo. Em segundo lugar, olhando a situação atual, os preços do petróleo diminuirão relativamente, mas permanecerão provavelmente mais altos que durante os anos 1990.

Neste mundo em que o petróleo ficará caro por muito tempo, a demanda provinda de economias emergentes dinâmicas terá um importante papel na definição dos futuros preços. A importância das economias emergentes não somente provém da sua importante contribuição para o crescimento mundial, mas também, e mais importante ainda, do fato que, para um determinado aumento da sua atividade, sua demanda em petróleo é bem superior à média da OCDE. Aliás, os futuros preços do petróleo serão muito tributários do progresso suplementar na conservação de energia tanto nas economias emergentes como nos Estados- Unidos.

Uma gestão cautelosa dos recursos naturais não renováveis não é o único problema levantado sobre a sustentabilidade de longo prazo das sociedades da OCDE. A organização das finanças públicas também é de vital importância para o bem-estar das futuras gerações. Conforme as edições anteriores, repete-se com insistência que, visto os programas orçamentais existentes, a maioria dos maiores países da OCDE não terá progresso substancial ao derrubar os déficits estruturais. Isto é lastimável num contexto em que as reformas referentes à aposentadoria e ao sistema de saúde estão dando origem a árduos debates e, por conseguinte, se desenvolvendo com dificuldades.

É de se esperar, portanto, que empresas do setor privado estejam, prudentemente, reagindo à corrupção pública, intensificando seus próprios esforços de poupança e, nesse sentido, muitas provas têm surgido nitidamente. Aliás, esta é a mensagem contida no capítulo especial dedicado por estas *Perspectivas Econômicas* ao impacto de longo prazo das políticas fiscais. Mas, em regra geral, as poupanças privadas não compensam totalmente os desperdícios públicos, e esta reação preventiva pode ser contingente em

circunstâncias nacionais e históricas. Por exemplo, é difícil observá-la no caso dos Estados-Unidos.

No fim do dia, o papel da política fiscal não consiste em aumentar as pressões financeiras decorrentes do envelhecimento da população. É preferível aliviá-la, e aproveitar da recuperação progressiva para implementar reduções graduais, mas de grande alcance.

© OECD 2004

Este sumário não é uma tradução oficial da OCDE.

A reprodução deste sumário é permitida desde que sejam mencionados o copyright da OCDE e o título original.

Os sumários multilingües são traduções dos excertos da publicação original da OCDE publicada originalmente em Inglês e Francês.

Encontram-se livremente disponíveis na livraria on-line da OCDE
www.oecd.org/bookshop/

Para mais informações, entre em contato com a OECD Rights and Translation unit,
Public Affairs and Communications Directorate.

rights@oecd.org

Fax: +33 (0)1 45 24 13 91

OECD Rights and Translation unit (PAC)
2 rue André-Pascal
75116 Paris
França

Visite nosso sítio www.oecd.org/rights/

